

Revolução democrática, revolução socialista e contrarrevolução em Florestan Fernandes: diálogos com a teoria social e política contemporânea.

Alexander David Anton Couto Englander.

Cita:

Alexander David Anton Couto Englander (2017). *Revolução democrática, revolução socialista e contrarrevolução em Florestan Fernandes: diálogos com a teoria social e política contemporânea*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/399>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA, REVOLUÇÃO SOCIALISTA E
CONTRARREVOLUÇÃO EM FLORESTAN FERNANDES:
DIÁLOGOS COM A TEORIA SOCIAL E POLÍTICA CONTEMPORÂNEA**

Alexander David Anton Couto Englander

alexcoueng@gmail.com

Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(IESP/UERJ)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Este trabalho pretende fazer uma exposição de como a noção de “revolução”, *no* Brasil e *na* América Latina, aparece na obra de Florestan Fernandes. Para tanto, o objeto sociológico da pesquisa não é *o* país ou *a* região, mas o capitalismo, tal como se apresenta *no* país e *na* região. A pesquisa parte da premissa de que em Florestan Fernandes o problema da revolução concerne a duas questões distintas, que podem ou não ser conjugadas: a questão da justiça social, compreendida como a superação dos padrões de extrema concentração de poder e riqueza; e a questão do desenvolvimento econômico, que pode ser entendido em dois níveis distintos: definido como potencialização dos dinamismos próprios ao capitalismo dependente ou como superação da dependência, seja por meio da constituição de uma situação típica de capitalismo avançado ou através da formação de uma sociedade socialista. Por isso, ao contrário de outros estudos que separam o tema da revolução do tema da democracia, esta investigação pensa a democracia conjugada à revolução – como revolução democrática, que ao lado da revolução socialista constituem duas vias e concepções distintas para o igualitarismo e a justiça social. O desenvolvimento econômico, pensado como desenvolvimento das forças produtivas, pode ou não ser historicamente conjugado com a acumulação de capital, a democracia e/ou socialismo. Como essas são questões que permanecem mal solucionadas na América Latina contemporânea, levanto a hipótese da atualidade teórica das noções de “revolução democrática”, “revolução socialista” e “contrarrevolução” elaboradas por Florestan Fernandes. E, nesse sentido, articulo relações dessas noções com a teoria sociológica e a teoria política contemporânea e, na dimensão da práxis, com o processo histórico do presente. Embora este estudo não reivindique a autonomia do texto sobre o contexto social, o foco da análise recairá sobre o “produto do trabalho simbólico” de Florestan Fernandes, as ideias por ele elaboradas e a relação delas com “as múltiplas conexões de sentido” que “podem manifestar na sociedade, dependendo das circunstâncias históricas e da força social que assumem em relação a diferentes fatores, materiais e imateriais” (Bastos & Botelho, 2010, p. 915). Ainda, associada ao seu poder de influência sobre a reflexão e a ação dos atores (Giddens, 1978), as



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ideias também serão pensadas em seu desafio hermenêutico de interpretação das relações e configurações sociais, considerando os ganhos heurísticos – para a análise sociológica – das noções e conceitos elaborados. A análise dos diferentes textos de Fernandes traz, por vezes, a repetição de temas. A aparente redundância não deve obliterar o adensamento conceitual e heurístico presente no decurso da trajetória teórica do autor. A consideração dessas dimensões implica no reconhecimento de uma sociologia histórica formulada por Florestan Fernandes, portadora de desafios analíticos capazes interpelar a prática intelectual e política, em diferentes contextos históricos.

ABSTRACT

This paper intends to analyze how the notion of "revolution" in Brazil and in Latin America appears in the works of Florestan Fernandes. To achieve this goal, the sociological object of this research is not the country or the region, but the capitalism, as it presents itself in the country and the region. This presentation is about what constitutes the specificity of capitalism in Latin America, and especially in Brazil. What is dependency? What makes this kind of capitalism dependent? The answers for these questions will be drawn from a set of Florestan Fernandes' books.

Palabras clave

Florestan Fernandes; Capitalismo Dependente, Mudança Social.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Keywords

Florestan Fernandes; Dependent Capitalism; Social Change.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Em 2015 completaram-se 40 anos da publicação de um dos maiores clássicos da sociologia latino-americana: *A revolução burguesa no Brasil* (1975), de Florestan Fernandes. Embora a sociedade brasileira passasse por um momento conturbado e que remetia a temas analisados nesse livro de Florestan, tais como o avanço da hegemonia burguesa conservadora e as consequências negativas desse processo, a data histórica quase não foi celebrada. Nenhum seminário de vulto, nenhuma edição comemorativa, nenhuma importante homenagem ao livro e ao seu autor. É certo, muito pouco havia para ser comemorado, mas muito poderia ter sido debatido. Não apenas *A revolução burguesa no Brasil*, mas todo um conjunto de obras de Florestan Fernandes sobre a sociedade capitalista em contextos de dependência continua a oferecer, ainda nos dias de hoje, importantes ferramentas heurísticas para a compreensão sociológica da América Latina e, sobretudo, do Brasil. A crise econômica e a crise de um ciclo latino-americano de governos progressistas – com a vitória eleitoral dos neoliberais na Argentina e o avanço do golpe jurídico, midiático e parlamentar no Brasil, que conjuga neoliberalismo e neoconservadorismo – reforçam a importância de revisitarmos os conceitos elaborados por Florestan Fernandes – fundamentais para a compreensão dos elementos conservadores da modernidade no capitalismo periférico ou semiperiférico. Antes de encerrar esta introdução, cabe acrescentar que este texto está inserido em uma pesquisa mais ampla sobre conflitos sociais e resistências à democratização no Brasil.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

A pesquisa parte da premissa de que em Florestan Fernandes o problema da revolução concerne a duas questões distintas, que podem ou não ser conjugadas: a questão da justiça social, compreendida como a superação dos padrões de extrema concentração de poder e riqueza; e a questão do desenvolvimento econômico, que pode ser entendido em dois níveis distintos: definido como potencialização dos dinamismos próprios ao capitalismo dependente ou como superação da dependência, seja por meio da constituição de uma situação típica de capitalismo avançado ou pela construção de uma sociedade socialista. Por isso, ao contrário de outros estudos que separam o tema da revolução do tema da democracia (Tótor, 1999), esta investigação pensa a democracia conjugada à revolução – como revolução democrática, que ao lado da revolução socialista constituem duas vias (separadas ou articuladas) para o igualitarismo e a justiça social. O desenvolvimento econômico, pensado como desenvolvimento das forças produtivas, pode ou não ser historicamente conjugado com a acumulação de capital, com a democracia e com o socialismo¹. Como essas são questões que permanecem mal solucionadas na América Latina contemporânea, levanto a hipótese da atualidade teórica das noções de “revolução democrática”, “revolução socialista” e “contrarrevolução” elaboradas por Florestan Fernandes. E, na conclusão, articulo relações dessas noções com a teoria sociológica e a teoria política contemporânea e, na dimensão da práxis, com o processo histórico do presente. Embora este estudo não reivindique a autonomia do texto sobre o contexto social, o foco da análise recairá sobre o “produto do trabalho simbólico” de Florestan Fernandes, as ideias por ele elaboradas e a relação delas com “as múltiplas conexões de

¹ Nesse caso poderíamos pensar em oito combinações possíveis: desenvolvimento com acumulação de capital sem democracia, desenvolvimento com acumulação de capital e com democracia, desenvolvimento com socialismo, desenvolvimento com socialismo e democracia, autoritarismo sem desenvolvimento, democracia sem desenvolvimento, socialismo sem desenvolvimento e socialismo com democracia e sem desenvolvimento. Dentre essas possibilidades poderíamos destacar as que prevaleceram no processo histórico: o desenvolvimento relativo com acumulação de capital e sem democracia e, antes do golpe civil—militar de 1964 e após a redemocratização nos anos 1980, o desenvolvimento relativo com acumulação de capital e democracia restrita. O caráter relativo do desenvolvimento e o aspecto restrito da democracia nos levam a pensar nas limitações que o capitalismo dependente impõe ao desenvolvimento e à democracia na América Latina. Este será um dos principais dilemas a serem debatidos nesse artigo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sentido” que “podem manifestar na sociedade, dependendo das circunstâncias históricas e da força social que assumem em relação a diferentes fatores, materiais e imateriais” (Bastos & Botelho, 2010, p. 915). Ainda, associada ao seu poder de influência sobre a reflexão e a ação dos atores (Giddens, 1978), as ideias também serão pensadas em seu desafio hermenêutico de interpretação das relações e configurações sociais, considerando os ganhos heurísticos – para a análise sociológica – das noções e conceitos elaborados. A análise dos diferentes textos de Fernandes traz, por vezes, a repetição de temas. A aparente redundância não deve obliterar o adensamento conceitual e heurístico presente no decurso da trajetória teórica do autor. A consideração dessa dimensão implica no reconhecimento de uma sociologia histórica formulada por Florestan Fernandes, portadora de desafios analíticos capazes interpelar a prática intelectual e política, em diferentes contextos históricos.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Neste curto espaço pretendo de fazer uma breve exposição de como a noção de “revolução”, *no* Brasil e *na* América Latina, aparece na obra de Florestan Fernandes. Para tanto, o objeto sociológico da pesquisa não é *o* país ou *a* região, mas o capitalismo, tal como se apresenta *no* país e *na* região. O objeto empírico da pesquisa são fontes primárias, uma seleção de textos que pode ser organizada em três períodos distintos: o final da década de 1950, quando Fernandes confere ênfase à possibilidade de uma revolução burguesa com efeitos integradores e democratizantes no Brasil; a década de 1970, momento de recrudescimento das autocracias burguesas latino-americanas, em que Fernandes reelabora e aprofunda o aspecto crítico de suas teses sobre as condições da revolução burguesa e da revolução socialista no contexto social do capitalismo dependente; por fim, o início da década de 1990, quando aposta no Partido dos Trabalhadores como o ator político da revolução democrática *ou* da revolução socialista no Brasil. Para que possa alcançar esse objetivo de análise, antes de abordar as formulações e reformulações da noção de revolução nas obras de Florestan Fernandes, será necessário resgatar os conceitos de “demora cultural”, “sociedade de classes” e de “capitalismo dependente”, fundamentais para a compreensão da trajetória teórica e política do autor. Esta pode ser caracterizada por duas inflexões históricas: o ato institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, que confirmou o caráter conservador da revolução burguesa no Brasil; e a emergência do “novo sindicalismo” combativo e classista a partir das greves de maio de 1978, na região do ACBD Paulista, que forneceu as condições concretas para a formação de um partido socialista de tipo novo, avesso às experiências stalinistas e com capacidade de mobilização que renovava as aspirações utópicas tanto da revolução democrática quanto da revolução socialista no Brasil.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Sociedade de classes e subdesenvolvimento: o problema da demora cultural e a aposta na “revolução dentro da ordem”.

Os textos reunidos no livro *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* (1968) são caracterizados por uma tensão fundamental. Por um lado, a análise sociológica da sociedade brasileira revelava a incapacidade da burguesia nativa em promover uma revolução que universalizasse e desenvolvesse os padrões econômicos, sociais, políticos e culturais do capitalismo, o que ocasionaria na superação dos constrangimentos geopolíticos da condição de dependência. Por outro lado, Florestan Fernandes aposta no conjunto de setores que compõem essa burguesia – o moderno e urbano; e o rural e arcaico – como a força social capaz de promover a revolução burguesa no contexto do capitalismo dependente, e, desse modo, criar novos dinamismos em uma sociedade bloqueada pelo seu padrão conservador de modernização. Certamente, essa aposta não é motivada por fatores ideológicos, mas surge como uma consequência pragmática de seu diagnóstico da sociedade brasileira. No início da segunda metade da década de 1960, logo após o golpe civil-militar de 1964, Florestan caracteriza a classe trabalhadora urbana brasileira como conformista e incapaz de construir uma oposição ameaçadora à ordem vigente. Muitas razões levaram o autor a tomar essa posição e vamos expô-las a seguir. Antes, é necessário destacar dois conceitos com os quais Florestan Fernandes fundamenta a análise da tensão fundamental acima descrita: “demora cultural” e “resistências sociopáticas à mudança social”. A partir deles podemos entender o tom pessimista de Florestan Fernandes e sua aposta em mudanças estruturais que dinamizassem a sociedade. Somente após essas transformações, que seriam conduzidas pela aliança entre os setores arcaicos e modernos da burguesia dependente, seria possível apostar em outros portadores sociais da mudança social, capazes de romper com a condição de dependência econômica.

O tema da “demora cultural” aparece pela primeira vez em 1959, no seminário internacional “Resistências à mudança: fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento”, organizado por



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Luiz Costa Pinto² – que dirigia o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS). Brasil Júnior (2013) analisou a apresentação de Fernandes no seminário resistências à mudança, intitulada “Demora Cultural”, na qual o autor buscava compreender como processos macrosociológicos pelos quais se produzem a diferenciação e a reintegração na ordem social exercem um efeito regulador – em última instância – sobre os efeitos negativos que uma rápida passagem de uma sociedade tradicional a uma sociedade de classes podem provocar em fatores psicossociais (“atitudes” e “motivações”). Influenciado pelo sociólogo americano Willian Ogburn, para o qual as barreiras que certos fatores psicossociais impõem aos efeitos construtivos do processo de desenvolvimento podem ser definidas como demora cultural, Fernandes analisará como esse processo ocorria no contexto social brasileiro. Ao considerar a diversidades de contextos sociais, era possível perceber que não existiam elementos psicossociais essencialmente favoráveis ou desfavoráveis à formação da sociedade de classes, mas sim “conexões funcionais” que limitariam ou reforçariam as potencialidades de desenvolvimento presente em um dado arranjo societário (Brasil Júnior, 2013, p. 181).

Para Fernandes, a revolução burguesa tende a refletir os conteúdos e a organização do horizonte cultural médio de seus atores históricos. Como a revolução burguesa no Brasil surgiu como fenômeno do crescimento econômico do mundo rural, fruto dos ajustamentos práticos das concepções de mundo do fazendeiro e do imigrante às atividades econômicas do mundo urbano e fabril, estes dois agentes humanos tinham o horizonte cultural moldado pelo estilo de vida das comunidades rurais, integradas. Podemos afirmar que essa característica operava como uma “conexão funcional” com efeitos limitadores para o desenvolvimento capitalista no Brasil. Dado os limites de seus principais agentes humanos, que entravam em conflitos com as concepções de

² Em carta a Florestan Fernandes, Luiz Costa Pinto explica os motivos do seminário: “A aspiração dos promotores do Seminário na escolha deste tema é fazer uma análise, em termos elevada e estritamente científicos, não só dos planos, das intenções, dos móveis e dos impulsos que conduzem ao desenvolvimento econômico e social — mas, sobretudo, daqueles fatores de diversa ordem que impedem ou dificultam a sua consecução efetiva. Deseja-se, assim, recolher, comparar e analisar depoimentos e experiências, estudos de casos e situações concretas, bem como hipóteses e teorias e explicativas sobre o assunto, com vistas a aumentar a área do nosso conhecimento sobre a matéria. Com a publicação em volume das comunicações apresentadas e dos debates que sobre elas ocorreram, serão amplamente divulgados os resultados do Seminário” (Fundo Florestan Fernandes, correspondência passiva, Costa Pinto, 26-6-1959). (In: Brasil Júnior, 2013, p. 47-48).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mundo e de organização da vida típicos de uma sociedade de classes, urbana e diferenciada, a revolução burguesa no Brasil foi atada a dois pólos de um círculo vicioso: processos econômicos débeis e estruturas sociais rígidas. Desse modo, duas tendências contraditórias emergiam: 1^a) a dos setores que se opunham a expansão da ordem social competitiva, presente em todas as classes sociais e propenso a promover ajustamentos extremamente irracionais; 2^a) a dos setores favoráveis à expansão da ordem social competitiva, também presentes em todas as classes e portadora – em diferentes níveis – do grau de racionalidade necessário a uma sociedade de classes. Como a primeira tendência influenciava as atitudes e os ajustamentos da segunda, o elemento tradicionalista conseguia neutralizar ou reduzir os agentes inovadores da ordem social competitiva. É nesse contexto – de desajustamento entre o horizonte cultural dos agentes da revolução burguesa e os padrões de racionalidade econômica e estilo de vida típicos da sociedade de classes – que Florestan fala em “resistências sociopáticas à mudança”. Embora em última instância favoreçam os setores burgueses interessados em manter a extrema concentração de renda e poder, as pressões conservadoras contra qualquer mudança – em particular – ou a modernização – de um modo geral – eram exercidas por atores sociais presentes em diferentes estratos da sociedade. Esses atores eram unificados em sua comum a aversão à expansão da ordem social competitiva, que com seus efeitos modernizantes e democratizantes ameaçava o imaginário da “comunidade integrada”.

Estranhamente, apesar das significativas mobilizações da classe trabalhadora brasileira no período democrático de 1946-1964, Fernandes define a “classe baixa urbana” como conformista e bem ajustada à ordem econômica do capitalismo dependente. Todavia, tal diagnóstico pode ser melhor compreendido se levarmos em conta o nível da análise que Fernandes se propôs a fazer. Em um nível de análise estrutural, o autor identifica dois fatores que favoreceriam a postura conformista da classe baixa urbana: a persistência em amplos setores produtivos de economias de subsistência e formas extracapitalistas de mercantilização do trabalho e a importação de tecnologias avançadas. Ambos os fatores constituíam uma barreira à universalização do mercado de trabalho capitalista, o que restringia a oferta da massa de empregos e limitava o exército industrial de reserva a níveis mínimos. Esses fatores estruturais favoreciam entre os trabalhadores e trabalhadoras pobres que conseguiam se proletarizar a identificação positiva com a defesa do capitalismo, com o qual



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

associavam os seus destinos e ímpetus de ascensão social. Contudo, a esse elemento estrutural de análise é acrescido um fator político, além da “debilidade dos mecanismos de mercantilização do trabalho”, inexistiam “sindicatos verdadeiramente fortes, autônomos e atuantes” (Fernandes, 2008, p. 47). Assim, os assalariados não possuíam os meios para a tomada de consciência das excessivas taxas de exploração a que eram submetidos. Por outro lado, também existiam dois fatores estruturais que poderiam colocar a classe baixa urbana em posição antagônica com a ordem econômica do capitalismo dependente. Primeiro, enquanto as classes altas, as classes médias nativas e seus parceiros burgueses das nações hegemônicas externas se identificavam com os privilégios de uma ordem social competitiva restrita, as classes baixas urbanas tinham como interesse de classe “os alvos mais profundos da autonomização econômica, social e política da sociedade nacional”, que seriam possíveis através do desenvolvimento capitalista e da universalização da ordem social competitiva (Fernandes, 2008, p. 70). Segundo, caso ocorresse uma drástica desaceleração do crescimento econômico, que diminuísse ainda mais os já parcos ganhos da classe baixa urbana com o desenvolvimento capitalista, a sua tendência em fazer uma “revolução dentro da ordem” poderia ser facilmente substituída por padrões de comportamento inconformistas e uma via de “revolução contra a ordem”.

A formação da sociedade de classes na América Latina: fechamento político e radicalização da crítica á dependência

Em 13 de dezembro de 1968, o caráter conservador da revolução burguesa no Brasil ficou mais evidente, com a consolidação do cerco às liberdades civis e políticas pelo decreto do Ato Institucional nº 5. Pouco depois, no início de 1969, a ditadura civil-militar brasileira aposentou compulsoriamente Florestan Fernandes. Esses são marcos contextuais importantes para a compreensão da obra desse autor. Este período constitui um importante ponto de mudança na escrita de Fernandes, após o AI-5 o autor pode constatar uma acentuação do particularismo burguês e do conservadorismo da ditadura civil-militar, que colocavam em dúvida as possibilidades de integração nacional através da modernização capitalista (Rodrigues, 2006, p. 49). Desde então sua



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interpretação crítica do capitalismo dependente ganhou um tom mais radical e criou um novo modo de pensar a revolução burguesa na periferia do capitalismo. Com esse breve histórico, podemos começar a analisar as reformulações e os desenvolvimentos de seu pensamento. A mudança mais visível a primeira vista aparece no próprio objeto estudo. Por ter como método a análise do sistema capitalista a partir de sua periferia, o conceito de capitalismo dependente possibilita a compreensão da totalidade (o sentido geral) das transformações capitalistas em uma região geopolítica periférica, a América Latina, bem como o modo pelo qual ela se articula ao centro do sistema. Por isso, embora o Brasil continuasse sendo o principal objeto de estudos empíricos de Fernandes, o autor também passa a pesquisar a América Latina e a usar essa região como uma unidade de análise do capitalismo dependente³.

O conceito de *capitalismo dependente* foi elaborado no ensaio *Classes Sociais na América Latina*, escrito especialmente para compor o Seminário sobre Classes Sociais na América Latina, organizado pelo *Instituto de Investigaciones Sociales* da Universidade Autônoma do México, em 1971. A principal inovação interpretativa desse ensaio foi ter como ponto de partida analítico a tese segundo a qual a “revolução burguesa” no capitalismo periférico latino-americano não ocorreu devido à ação politicamente organizada de uma classe revolucionária (a burguesia), mas como um dado da estrutura social construída desde a colonização. Sobre esta questão, da prevalência das tendências dinamizadoras da estrutura sobre a ação política criadora dos agentes sociais, a citação de um trecho de *Classe Sociais na América Latina* é bastante esclarecedora:

³ Brasil Júnior faz uma boa síntese de como o conceito de capitalismo dependente permite tomar América Latina como uma unidade de análise (Brasil Júnior, 2013, p. 263). Com o conceito de capitalismo dependente “as particularidades da sociedade brasileira são colocadas noutro patamar explicativo, porque ela — ao lado do México — poderia ser considerada como “o tipo mais complexo de capitalismo dependente” (Fernandes, 1975, p. 49). Ou, noutros termos, porque aí “a dependência é mais profunda e diferenciada e o subdesenvolvimento é mais desenvolvido” (Fernandes, 1981, p. 115). Tomada como um “tipo extremo” do “capitalismo dependente”, a análise da sociedade brasileira ganharia um estatuto teórico mais elevado na medida em que nela estariam presentes “tanto os aspectos mais arcaicos quanto os aspectos mais modernos da estratificação social condicionada pelo capitalismo dependente” (Fernandes, 1975, p. 50). Daí que, à maneira de Marx sobre o caso inglês no século XIX, Fernandes tenha se referido ao caso brasileiro num registro equivalente: “o presente do Brasil contém o futuro de outros países, que pertençam à periferia do capitalismo mundial e não possam encaminhar-se diretamente para o socialismo” (Fernandes, 2006, p. 259)”. Todavia, a construção teórica do conceito de capitalismo dependente não descarta as análises das contingências históricas presentes em cada caso, apenas confere a essas análises uma relação dialética com a totalidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“O ‘produtor rural’ que aceita positivamente sua condição burguesa, o grande ou pequeno comerciante que se orgulha de sua contribuição para o ‘progresso econômico’, o trabalhador assalariado que pratica a poupança tendo em vista o ‘enriquecimento’ e a passagem para o ‘mundo dos negócios’, todos compreendem a ‘necessidade’ e as ‘vantagens’ da coexistência do antigo regime dentro do novo. Por isso, não lutam contra tal coexistência: veem na associação com capitais [e] firmas estrangeiras um ‘fator de progresso’ ou em formas pré-capitalistas de produção e de troca uma fonte de intensificação da acumulação de capital. Tais agentes econômicos protagonizam e lideram a revolução burguesa, porque ela é inevitável, já que não podem fugir às funções transformadoras de uma economia de mercado e às transições que ela impõe, na passagem de um tosco capitalismo mercantilista para um elaborado capitalismo comercial e deste para o capitalismo industrial” (Fernandes, 1975, p. 52)

No lugar de uma insurreição contra a antiga ordem estamental, os agentes da “revolução burguesa” latino-americana promoviam uma adaptação às funções transformadoras da economia de mercado, que era imposta pela expansão mundial do capitalismo. Essa associação, adaptativa e dependente, com as sociedades nacionais hegemônicas do mercado mundial implicou na constituição de uma ética e de uma racionalidade específicas do capitalismo na América Latina. Ambas são constituídas a partir da lógica econômica da sobre-apropriação capitalista, caracterizada pela a intensificação da acumulação de capital e de sua repartição (desigual) entre a burguesia e a classe média do capitalismo dependente e suas parceiras mais poderosas, as burguesias imperialistas das nações centrais. Isso não significa que as burguesias e as classes médias latino-americanas se sentiam incapazes de transformar as “regras do jogo”, mas sim que acreditavam ser mais lucrativo, rápido e seguro promover a consolidação do mercado capitalista e da sociedade de classes a partir da associação subordinada com as burguesias imperialistas das sociedades nacionais hegemônicas. Ao mesmo tempo em que atuam ativamente no processo de consolidação das estruturas do



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

capitalismo, as burguesias latino-americanas abandonam o projeto de auto-superação da dependência. Ao construírem as condições ótimas para a constante reprodução da sobre-apropriação repartida do excedente econômico, criam, concomitantemente, um laço estrutural entre o desenvolvimento do capitalismo dependente e a contínua redefinição das manifestações do subdesenvolvimento econômico e social. A partir dessa aliança econômica e política entre as burguesias do centro e da periferia constituiu-se um padrão autoritário de modernização e foram formadas a ética e a racionalidade de uma dominação da burguesia dependente baseada na dominação plutocrática desta classe (e de suas parceiras internas e externas) sobre as demais, que compõem a grande maioria da nação (Fernandes, 1975, p. 54-56).

Ao manterem padrões tão elevados de desigualdade social, as burguesias latino-americanas inviabilizaram o desenvolvimento das potencialidades estruturais e dinâmicas da ordem social competitiva⁴. Por isso, esta não pode desempenhar as suas funções dinamizadoras e promover as transições análogas às que desempenhou e promoveu nas sociedades nacionais hegemônicas do capitalismo, que são necessárias para a realização de revoluções burguesas com caráter democrático. Desse modo, as classes “altas” e “médias” da América Latina se desqualificaram como portadoras das promessas civilizatórias da sociedade de classes, deslocando o sentido de seus interesses de classes dos caminhos que levariam à integração nacional e, por isso, fracassando como elites políticas (Fernandes, 1975, p. 98). O superprivilegiamento das classes “altas” e “médias”, como fator de diferenciação social e de estabilidade nas relações de poder entre as classes, era incompatível com a adoção de sistemas políticos constitucionais e representativos – embora, formalmente, estes existissem (Fernandes, 1975, p. 104). O caráter meramente formal das democracias latino-americanas tornava-se visível nas conjunturas em que “os interesses, as posições e as formas de solidariedade das classes ‘altas’ e ‘médias’ se viram ameaçadas pela classificação, mobilidade social e violência dos setores assalariados, pobres ou despossuídos” (Fernandes, 1975 p. 105). Nesses momentos, ocorridos sobretudo a partir de evoluções políticas desencadeadas desde a

⁴ “A ordem social competitiva é a ordem social aquisitiva, ou da civilização burguesa, que envolve ética racional, competição, luta, igualdade legal-formal; ou seja, é propriamente a ordem social numa apropriação da noção de mercado como princípio das relações societárias, no sentido de Weber. É aí que ocorrem o funcionamento e a diferenciação do sistema de produção e a sua adaptação às potencialidades econômicas e socioculturais. É na ordem social competitiva que se dá a classificação, mas é no universo da produção que emerge a função estratificadora, as classes na acepção de Marx” (Arruda, 1996).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

década de 1930, as classes “altas” e “médias” passaram da conciliação para o endurecimento, construindo um “Estado democrático” forte, que deveria “salvaguardar a democracia” e garantir o “desenvolvimento com segurança”. As modalidades mais brandas e estáveis desse “Estado democrático” forte são classificadas pelo autor como “pré-fascistas” e as modalidades mais duras e extremadas, de “Estado totalitário e dissimuladamente fascista” (Fernandes, 1975, p. 106). Dessa maneira, Fernandes mostrava como o discurso de defesa da democracia pelas classes altas e médias possuía um forte elemento retórico, que buscava encobrir, garantir e legitimar a manutenção de privilégios substancialmente antidemocráticos.

A revolução em A Revolução Burguesa no Brasil: autocracia burguesa e contrarrevolução.

Do livro *a Revolução Burguesa no Brasil* (1975), cabe aqui destacar a análise relativa ao momento histórico do golpe civil-militar⁵ de 1964, que consolidou a dominação burguesa autocrática⁶ e o capitalismo monopolista no Brasil. Nessa fase monopolista do capitalismo, os governos das nações hegemônicas e suas empresas multinacionais estabeleceram que “sem estabilidade política não há cooperação econômica”. Tal receituário impunha um tipo de racionalização do comportamento econômico (e político), que exigia das burguesias e dos governos pró-capitalistas das nações periféricas a pacificação das tensões sociais internas. Para obterem o “auxílio” dos investimentos estrangeiros teriam que pôr “ordem na casa” (Fernandes, 2005, p. 297). Desse modo, o padrão de consolidação do capitalismo monopolista nas nações periféricas tornou-se

⁵ Em recente estudo sobre as relações corruptas de financiamento mútuo entre a ditadura civil-militar e as empreiteiras no Brasil, o historiador Pedro Henrique Pedreira Campos expôs qual classe social conferia o caráter civil à ditadura: “Entendemos que o elemento civil que compôs a ditadura brasileira era preponderantemente empresarial, havendo diversos agentes da burguesia brasileira que fizeram parte do pacto político estabelecido no pós-1964. Sem negar que se trata de uma ditadura do grande capital, consideramos que é necessário atentar para a heterogeneidade e os conflitos no seio da classe dominante e para a constante mediação de forças e hierarquia entre as frações dos grupos dominantes na sociedade brasileira” (Campos, 2014, p. 35)

⁶ Para uma boa compreensão da noção de autocracia, vejamos o modo como Bernardo Ricupero retoma uma reflexão de Gabriel Cohn: “Mas, como adverte Cohn, a autocracia da qual fala Florestan Fernandes não é sinônimo de autoritarismo. Ela corresponderia, na verdade, a ‘uma forma de exercício do poder e não de sua organização’. Nesse sentido, a autocracia burguesa deve ser entendida como ‘a concentração exclusivista e privatista do poder’. Portanto, mesmo com o fim da Guerra Fria e do regime militar, fatores que motivaram a redação de *A revolução burguesa no Brasil*, a autocracia burguesa não desapareceria no país” (Ricupero, 2007, p. 201).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

distinto e muito mais selvagem do o que ocorrera nas nações hegemônicas e centrais, pois passava pela decisão – eminentemente política – de reprimir a emergência de movimentos reivindicatórios e políticos. Por isso, o “desenvolvimento com segurança” “impedia qualquer conciliação concreta, aparentemente a curto e a longo prazo, entre *democracia, capitalismo e autodeterminação*” (Fernandes, 2005, p. 298). A suposta fraqueza das burguesias dependentes, subordinadas e identificadas com a dominação imperialista, é apenas relativa, pois quanto mais se aprofunda a consolidação do capitalismo monopolista, mais as nações centrais precisam de parceiros sólidos na periferia subdesenvolvida, dispostos a intensificar as políticas autodefensivas e repressivas da dominação burguesa. Por isso, a condição periférica impunha às burguesias dependentes um projeto de revolução que para as demais classes significava a própria contrarrevolução (Fernandes, 2005, p. 342-344).

O Partido dos Trabalhadores e os dilemas da revolução democrática e da revolução socialista na América Latina.

No livro *Poder e Contrapoder na América Latina (1981)*, o limite da descolonização é situado no padrão de apropriação dual do excedente econômico, na sobre-apropriação capitalista repartida entre a burguesia nacional dependente e suas parceiras, as burguesias imperialistas – uma tese que tem se mostrado atual e pode ser usada como elemento provocador e também de diálogo junto aos teóricos do pós-colonialismo que rejeitam a sociologia marxista (Fernandes, 2015, p. 102-103; Idem, 1975, p. 53). Como a formação da sociedade de classes é acompanhada de formas ultra-espoliativas de dominação econômica e de exploração do trabalho, o resultado desse processo é a intensificação das distâncias e barreiras sociais herdadas da sociedade estamental. As classes desfavorecidas são excluídas da representação da nação e metamorfoseadas em inimigas “reais ou potenciais da ordem e em gente que ‘precisa da coerção’ para ‘viver dentro da linha’” (Fernandes, 2015, p. 108). Por isso, na periferia do capitalismo, as tarefas de levar adiante a descolonização, a revolução nacional e a revolução democrática, são reservadas aos socialistas e às classes trabalhadoras. Nesse contexto social os socialistas devem enfrentar os desafios históricos com os



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

quais a burguesia não quer se envolver, pois não é do seu interesse de classe: retomar a revolução democrática interrompida e construir as condições para avançar além dela, rumo à revolução socialista. Essa interpretação de Fernandes não vale apenas para o Brasil, mas também para outros países da América Latina em que o processo de descolonização se desenrolou em condições históricas distintas, todavia, estruturalmente homólogas (Fernandes, 2015, p.103).

Na periferia do capitalismo, as imperiosas dificuldades estruturais impostas à ação política socialista e à atuação do sindicalismo combativo fizeram com que frutificasse, nos países mais industrializados da América Latina, uma tradição (pseudo)revolucionária “mecanicista”, que consiste em esperar que as contradições sociais “se acumulem” e “amadureçam”. Desse modo, a difícil tarefa das classes populares latino-americanas, de combater simultaneamente o regime autocrático burguês do capital nacional e o núcleo imperialista de poder do capital estrangeiro – através da ação política independente – é constantemente deslocada para o futuro, operando como um horizonte utópico e não como uma realidade possível. Em oposição a essa lógica paralisante, Florestan Fernandes via no surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT) uma possibilidade histórica de agregação e fortalecimento da ação política das classes despossuídas. Com a ascensão do PT seria possível estabelecer uma relação inteligente e revolucionária com as contradições que o capitalismo dependente impõe à massa operária, à vanguarda das classes trabalhadoras e às atividades políticas dos sindicatos e dos partidos socialistas. A construção da hegemonia petista entre as esquerdas brasileiras estimulava a contestação da crença de que o desenvolvimento mecânico das “contradições” poderia ser o principal “agente” das revoluções democrática e socialista, o que colocaria em segundo plano a ação organizada e combativa da classe operária. O surgimento desse novo ator político confirmava a tese de Fernandes, em *A Revolução Burguesa no Brasil*, de que ao longo da ditadura civil-militar a sociedade de classes havia se desenvolvido, o que possibilitou a emergência social e política das “classes baixas”. Nesse sentido, as grandes greves de 1978, na região do ABCD paulista, e o surgimento do “novo sindicalismo” promoveram uma ruptura com o padrão de “oposição consentida”, típico na ditadura militar brasileira, e estabeleceram uma conjuntura favorável para a criação e consolidação do PT (Fernandes, 1991, p. 40-41).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Nesta breve conclusão pretendo apenas lançar hipóteses para serem desenvolvidas no futuro. Em diálogo com Charles Tilly (2013), é possível indicar que na América Latina há uma acentuação da assimetria entre o ritmo mais lento dos processos de democratização e o ritmo mais acelerado dos processos desdemocratização. E, em diálogo com Wolfgang Streeck (2014), é possível sugerir que a crise do capitalismo “democrático” – com “justiça social” – nas nações mais ricas e industrializadas do capitalismo, pode ser melhor compreendida quando analisada em conjunto com as dificuldades estruturais em democratizar as periferias e semiperiferias do sistema, obtendo, pois, os ganhos heurísticos da perspectiva de totalidade sobre o mesmo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (1996). Revisitar Florestan. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (Impresso), São Paulo, 30, pp. 11-15, (Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_30/rbcs30_04.htm).
- BASTOS, Elide Rugai & BOTELHO, André. (2010). “Para uma sociologia dos intelectuais”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 53, nº 4, pp. 889 a 919.
- BRASIL JÚNIOR, Antonio da Silveira. (2013). *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: Hucitec.
- CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. (2014). *Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988*. Niterói: Editora da UFF.
- FERNANDES, Florestan. (1975). *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. *O PT em movimento: contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores*. (1991). São Paulo: Autores Associados.
- _____. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. (2005). São Paulo: Globo.
- _____. *Sociedade de classe e subdesenvolvimento*. (2008). São Paulo: Global.
- _____. *Poder e contrapoder na América Latina*. (2015) São Paulo: Expressão Popular.
- GIDDENS, Anthony. (1978). *Novas Regras do Método Sociológico: Uma Crítica Positiva das Sociologias Compreensivas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- REIS, José Carlos. (2007). *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- RICUPERO, Bernardo. (2007). *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. (2006). *Entre a academia e o partido: a obra de Florestan Fernandes (1969/1983)*. São Paulo. Tese de doutorado.
- STREECK, Wolfgang. (2014). *Buying Time: The Delayed Crisis of Democratic Capitalism*. Verso Books, London.
- TILLY, Charles. (2013). *Democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- TÓTORA, Silvana. (1999). A questão democrática em Florestan Fernandes. *Lua Nova*, n ° 48, p.109-126.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio